

DIEGO MARANI

Nova gramática finlandesa

Tradução

Eduardo Brandão



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2000 by RCS Libri S.p.A. — Milão
Bompiani

Obra publicada com incentivo à tradução do Ministério das Relações Exteriores da Itália.

Questo libro è stato pubblicato grazie ad un contributo per la traduzione da parte del Ministero degli Affari Esteri italiano.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Nuova grammatica finlandese

Capa

Tereza Bettinardi

Imagem de capa

<completar>

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Carmen T. S. Costa

Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Marani, Diego

Nova gramática finlandesa / Diego Marani ; tradução Eduardo Brandão. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2014.

Título original: Nuova grammatica finlandese.

ISBN 978-85-359-2405-3

1. Ficção italiana I. Título.

14-01258

CDD-853

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura italiana 853

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Prólogo, 11

1. Volta a Helsinque, 15

2. Nova gramática finlandesa, 64

3. A árvore das belas recordações, 109

4. O presságio do fim, 166

Epílogo, 175

1. Volta a Helsinque

O olhar do dr. Friari foi a primeira coisa viva que vi aflorar. Precedido por um fru-fru de algodão engomado, aparecia diante de mim num halo azulado e ficava me scrutando por longos instantes. Mas no magma fluido da minha visão perturbada eu não conseguia distinguir os contornos do seu rosto. Era como se tudo estivesse imerso num líquido denso, que tornava morosos os movimentos e abafava os ruídos. Seguiram-se dias imóveis, apenas agitados por vozes brandas, por sombras detrás de um vidro, por longos silêncios tingidos de amarelo. Eu tentava manter os olhos abertos o maior tempo possível, drenar seu embaçamento enquanto aguardava o olhar do doutor. Mas, depois de não mais que um pouco de esforço, volta e meia uma pontada de dor me levava a fechá-los. Eu a sentia crescer no fundo das têmporas, zumbir e inchar como um enxame de abelhas antes de se lançar sobre a raiz dos meus olhos. Às vezes um calor inesperado se apoderava de mim. Eu suava e sentia a cabeça pulsar sob as ataduras. Disso as enfermeiras deviam se dar conta, porque eu logo via aparecer junto de mim a bolha vítrea da perfusão e uma

coisa fria era aplicada em meu braço. Lentamente as pontadas foram se espaçando, as coisas ao meu redor foram ficando enxutas. O halo azul se tornava uma vigia de navio, os longos silêncios tingidos de amarelo, as noites iluminadas pela luz de vigília aparafusada num nicho da parede do corredor.

Eu estava portanto num navio. Sentia seu balanço leve. Mas não conseguia perceber nenhuma sensação de movimento. Tinha consciência da minha enfermidade, mas via e sentia de um modo distante, como se apenas uma parte de mim estivesse viva e sensível e flutuasse numa coisa que me era estranha. Como lembrei muito tempo depois, naqueles dias de lento despertar, meu cérebro era indiferente à condição do corpo, como se não tivesse mais a vontade ou a força de se preocupar com ele. Ora, antes da visita do doutor, duas enfermeiras vinham me sentar perto da vigia, numa cadeira com braços. Eu tinha notado que as duas eram da Cruz Vermelha e, embora confusamente, lembrei que havia uma guerra. Imaginei também que eu devia ser um sobrevivente de alguma operação bélica. Mas não lembrava quem eu era, nem tinha a curiosidade de lembrar. Meu pensamento parecia brotar do nada e afundar de novo no solo poroso da minha consciência, que nada bloqueava. Voltando a pensar mais tarde naquela sensação, quase chorei a sua falta. Por pouquíssimos, maravilhosos dias, fui insensível à lembrança, livre da memória, isento da dor. Eu era apenas um amálgama de células, um organismo primitivo, como os que povoavam a Terra milhões de anos atrás. Da cadeira via o outro lado da cabine, meu catre, a cômoda. E, sobretudo, embora me custasse virar a cabeça, via o mar além da vigia. A passagem para a cadeira devia ter sido um grande progresso, porque agora o dr. Friari sorria quando vinha me visitar. Expunha-me à luz e escrutava o interior dos meus olhos abrindo-os com os dedos. Armava a mesinha de dobrar fixada na parede, estendia nela figuras de cartão colorido e me pedia que

as associasse. Ficava sempre muito satisfeito com as minhas reações. Tomava notas no caderno.

No início, nossos encontros se desenrolavam em silêncio. Era uma dança de movimentos, ritmada por gestos de cortesia e afáveis acenos de cabeça. Após uns dias, o dr. Friari começou a falar comigo. Mas com palavras diferentes das que usava ao se dirigir às enfermeiras, de sons mais redondos e encorpados, que levavam certo tempo antes de se dissolverem. Eu ainda não tinha consciência da minha tragédia, não sabia que o traumatismo de que havia sido vítima fechara o mundo da linguagem para mim. Minha mente era um navio cujas amarras a tempestade havia arrebatado. Eu via o cais correr pouco distante de mim e acreditava que recuperando as forças conseguiria alcançá-lo de novo. Não sabia, porém, que o vento do desespero me levaria cada vez mais para o alto-mar. Não entendia as palavras do dr. Friari nem sentia surgir em mim o instinto ou o desejo de responder a elas. Mas isso não me preocupava. Distraidamente, eu atribuía isso ao ferimento que havia sofrido, ao cansaço infinito de que me recuperava com lentidão. Além disso, embora erradicada do meu conhecimento objetivo, flutuava na minha mente uma confusa noção de língua estrangeira, que no meu entendimento superficial tornava plausível a incompreensão das palavras do doutor.

Como soube mais tarde, desde aqueles primeiros dias, o doutor falava comigo em finlandês, sua língua, que acreditava fosse também a minha. Esperava que as palavras doces e acolhedoras da minha língua materna tivessem aliviado minha dor e contido meu desconsolo, me fazendo sentir entre gente amiga. Eu não procurava falar, simplesmente porque não sentia a necessidade de fazê-lo. Tinha se apagado em mim a inteligência linguística, todo interesse, toda curiosidade pela palavra. Eu não podia falar nenhuma língua, não sabia mais qual era a minha. Mas não tinha consciência disso. Um véu imperceptível, como numa hipnose, me protegia das cores violentas da realidade.

Certa manhã o dr. Friari abriu na mesa um mapa da Europa e com um sinal da mão me convidou a fazer uma coisa que eu não entendia. Achei que se tratava de um novo exercício e então me apliquei a observar as manchas verdes e marrons, os contornos recortados do mar azul, as rugas profundas dos rios. Sabia que aquilo era um mapa, as formas dos países me eram familiares, eu já as tinha visto sabe-se lá quantas vezes. Tinha uma cognição clara das coisas que via, mas meu entendimento parecia parar logo abaixo da epiderme da realidade. Eu reconhecia aquelas silhuetas como qualquer outro objeto em torno de mim, mas não sabia dar um nome a elas. Minha mente se recusava a fazer qualquer esforço nessa direção. Como notei mais tarde, parecia não dispor mais de instrumentos para fazê-lo. Meu corpo, minhas mãos haviam voltado a se movimentar. O movimento das articulações me dava de novo a sensação do corpo. Eu apertava todas as coisas que via, tocando-as recuperava o conhecimento delas. Mas minha mente não sabia mais conectar palavras e coisas. Cortada de mim mas viva em mim, eu a via se mover sem poder alcançá-la, como um peixe num aquário que a água e o vidro ampliam fazendo-o aparecer longe mesmo quando está perto. Não entendia portanto o que devia fazer com aquele mapa.

Para me encorajar, o doutor apontou o indicador para uma atarracada faixa verde toda sarapintada de azul. Eu fitava seus olhos, depois o mapa, franzindo o cenho, cada vez mais confuso. Por fim entendi. Claro, o doutor queria que eu indicasse de onde vinha. Tranquilizado, esbocei um sorriso e ergui o dedo inspecionando o mapa. Então o gelo correu pelas minhas veias. Foi como me debruçar à beira de um abismo. Reconhecia as formas escavadas no mapa pelas cicatrizes vermelhas das fronteiras,

mas não sabia o que eram. As letras maiúsculas que atravessavam vales e montanhas não me diziam nada. França, Alemanha, Áustria, Hungria, Romênia vagavam pela minha mente como contornos desenhados que eu não sabia mais nomear. Meu pensamento chegava ao limiar daqueles conceitos, mas não encontrava a maçaneta para entrar. Era arrepiante descobrir que metade da minha mente me escapava. Era como se o sangue que irrigava meu cérebro tivesse ficado obstruído no fundo de uma longínqua artéria oclusa. Noções que me pareciam banais, quando eu procurava captá-las, se volatilizavam diante do meu olhar impotente. Até as letras que eu acreditava conhecer uma a uma, que tinha a sensação de poder escrever sem hesitação, haviam se tornado sinais sem som, hieróglifos mudos de uma civilização desaparecida.

Então, como um vômito, senti de repente a necessidade de falar. De novo tive aquela sensação de oclusão. Minha cabeça girava e detrás dos olhos eu sentia formigar como centelhas uma chuva de pontadas dolorosas. Abri a boca procurando emitir um som, mas tudo o que saiu não passou de um sopro. Me dei conta de que a minha língua, a minha boca, os meus dentes eram incapazes de articular. O ar passava da garganta ao palato e se dispersava num suspiro desolador. O horror daquela tremenda descoberta me pregou na cadeira que eu apertava fincando as unhas no verniz. Com os olhos arregalados fitava os do doutor procurando ajuda. O formigamento costumeiro, depois as pontadas de dor tomaram a minha cabeça. Eu me debatia num medo que nunca havia experimentado. Tinha a sensação de afundar, de perder o contato com o mundo sensível. A vista das coisas parecia de quando em quando debilitar-se, como se estivesse para se apagar a frágil luz que iluminava a única e escarpada passagem ainda aberta entre mim e a realidade. O doutor também procurava esconder seu desconsolo. Virava e tornava a virar o mapa insistindo com o dedo sobre a silhueta da Finlândia. Dei-

xou escapar algumas palavras, uma exclamação que repetiu várias vezes. Para mim, apenas sons que eu percebia mas não compreendia. Em seu olhar notei por um instante o desconsolo de quem descobre estar face a face com a loucura. As enfermeiras o acudiram. Levaram-me de volta para a cama. De novo senti uma coisa fria no braço. O doutor ficou ao meu lado até eu dormir.

Abri os olhos talvez algumas horas depois, prostrado demais para me agitar e angustiado demais para dormir. A luz de vigília no corredor inundava com seu amarelo as paredes de chapa envernizada. O balanço do navio, a vigia negra, tudo me dava a sensação de afundar lentamente num redemoinho, num abismo escuro e frio, povoado de peixes monstruosos. Eu me sentia fraco, entorpecido, incapaz até de chorar. Era noite profunda, fora e dentro de mim. Rangendo os dentes, juntei o pouco de raiva que ainda tinha no corpo e xinguei sem palavras um Deus que não podia me ouvir.

Na manhã seguinte, o dr. Friari entrou na minha cabine com um sorriso. Parecia ter esquecido o desconsolo do dia anterior. Dirigiu-me um olhar confiante. Carregava debaixo do braço um volume envolto em papel de embrulho. Aquela foi a primeira vez que a vi. Era uma japona azul de marinheiro. O doutor abriu-a na cama e me mostrou uma tira de algodão branco costurada na parte interna da gola. Trazia algo escrito: duas palavras com a inicial maiúscula. Eu distinguia as letras, mas não conseguia lê-las. O dr. Friari me observava com olhos atentos que se esforçavam para ser tranquilizadores. Pôs-se a falar. Indicava com o dedo a etiqueta no avesso da japona. Insistia nas iniciais e com a voz elétrica de um robô pronunciava lentamente: “Sampo Karjalainen”. Eu me esforçava para compreender. Intuí que estava repetindo para mim o que vinha escrito na tira de algodão. Em pé diante da vigia, agitava a peça de uniforme segurando-a pelos ombros. Pega como refém, a japona vazia parecia dotada de vida

e lutava com o doutor que tinha ficado com o rosto vermelho de tanta agitação. As mangas se levantavam e tornavam a cair fazendo os botões se chocarem, como se membros invisíveis as habitassem. Num abraço desajeitado, Friari passou as mãos na parte da frente da japona, buscando os bolsos. Remexeu primeiro num, depois no outro, e tirou um lenço de nariz dobrado. Abriu-o na cama, deixando a japona cair no chão. Num canto, bordadas em azul-marinho entre as linhas azuis, duas letras ressaltavam: S. K. Reconheci os signos. Eram as iniciais maiúsculas do nome na etiqueta. Sentia que o doutor esperava uma reação de minha parte. Mas, como a japona caída no chão, também abri os braços desarmado. Meus olhos passavam das iniciais ao rosto que me interrogava, e aquelas letras turbilhonavam na minha mente, se fundiam num único signo indecifrável. Quem era Sampo Karjalainen? Era eu Sampo Karjalainen? Era minha aquela japona azul-marinho? Segurei as têmporas entre as mãos e inclinei a cabeça na direção do peito. Os sapatos do doutor se retraíram nas tábuas do assoalho, depois deslizaram rumo à porta. Quando tornei a erguer os olhos, pendurada no gancho da parede, a japona azul-marinho ainda balançava ligeiramente.

Registrei de maneira escrupulosa todas as suas fases de saída do coma. A pressão do sangue e a temperatura que lentamente subiam, suas primeiras manifestações de consciência, a gradativa recuperação dos movimentos, tudo foi relatado em seu prontuário clínico, além dos fármacos administrados. Embora eu me lembre da sucessão dos fatos, muito do que vai escrito nestas páginas permanece impenetrável para mim. Não raro, adjetivos e advérbios se sucedem numa árida sequência de palavras nuas, sem nenhuma sintaxe, coladas como figuras recortadas. A fim de reler, descobri uma fumosa luz, reconheci os vagos contornos das sensações que

aquele homem experimentava e que eu observava de fora. Revi os olhos que me fitavam perdidos, mas jamais saberei descrever o abismo do qual emergiam.

Passou tanto tempo. Dias intermináveis. Entretanto, minha visão tinha se restabelecido. Quando me tiraram as ataduras, passei a tarde toda me olhando no espelho aparafusado na parede, acima da pia. Mesmo depois, me surpreendi com frequência me olhando, procurando me reconhecer. Com grande precaução, às vezes me aventurava a apalpar a ferida na nuca. Mas me davam medo as grossas pregas sem pelos que a polpa dos meus dedos descobriam entre os cabelos devastados. Eu as aflorava apavorado. Parecia tocar meu cérebro.

Com a ajuda do dr. Friari, tinha aprendido a assobiar. Foi o primeiro passo rumo à recuperação da palavra. Aquelas marchinhas militares eram irresistíveis: conseguiram transmitir seu ritmo até aos meus movimentos. Passava tardes inteiras repetindo os exercícios de articulação que o doutor me ensinava. Sem compreendê-las, comecei a repetir as primeiras palavras. À medida que descobria minha condição, eu me resignava a ela e procurava enfrentá-la com os instrumentos que tinha. O doutor me ajudava a explorar os relevos desconhecidos da minha consciência submersa. Descobri junto com ele que tinha uma ampla percepção da realidade. Através das vidraças da sua sala, onde toda manhã eu ia fazer meus exercícios de reabilitação, o doutor me indicava um objeto na paisagem do golfo e pedia que o desenhasse no seu caderno. Eu me dei conta, assim, de que sabia como era construído um edifício, como funcionava um farol, como era feito um navio. Embaixo de todo desenho o dr. Friari escrevia o nome do objeto e me ensinava a pronunciá-lo. Eu repetia aqueles sons, a princípio hesitando, depois com uma

segurança cada vez maior. Tornavam-se palavras minhas, que eu sabia reproduzir e ler sozinho e que, com o tempo, aprendi a juntar. Mais tarde, quando fui capaz de responder às perguntas que me eram feitas, o doutor pôde reconstituir mais acuradamente o mapa dos meus conhecimentos técnicos, me pedindo de vez em quando que lhe desse informações, mesmo que apenas gestuais, sobre as imagens que me mostrava. Em outras palavras, descobri que era claro para mim o funcionamento de um automóvel, que sabia pôr para funcionar uma vitrola, que conhecia o uso de uma chave inglesa ou de uma chave de parafuso e que, embora desconectadas de todo raciocínio, eu dominava certas noções náuticas. Meu cérebro respondia a todos os estímulos, a corrente passava. Só o interruptor da linguagem estava isolado. Mas o cabo de emergência que o dr. Friari havia ligado conseguia alimentar minha consciência que despertava gradativamente. Já a memória permanecia sempre obscura, e inidentificável o ponto do curto-circuito que a tinha apagado. No fluxo dos acontecimentos a que o doutor me submetia com o auxílio de fotografias, mapas ou bandeiras tiradas dos seus livros, e que contavam a guerra em curso, eu não conseguia captar nenhum elemento em que pudesse arraigar minha identidade. Aí tudo se tornava confuso, escorria detrás de um vidro opaco.

Acompanhado de uma enfermeira, eu havia começado a me aventurar no convés para um breve passeio. Caminhava por todo o comprimento da embarcação, me apoiando na balaustrada. Chegando à popa, sentava ao sol, diante do mar azul que por tanto tempo só tinha avistado pela vigia. Soube mais tarde que estava a bordo do navio-hospital alemão *Tübingen*, fundeado ao largo do porto italiano de Trieste, esperando para desembarcar seu carregamento de feridos e transferi-los aos comboios ferroviários da Cruz Vermelha que rumavam para a Alemanha. Nas manhãs de sol, a cidade distante aparecia imersa num cintilar de ondas e

de cúpulas verdes que eu gostava de ficar contemplando. Aquela vista límpida, aquela paisagem clara, me tranquilizava. No convés encontrava outros soldados. Tinham rostos ossudos, olhares ausentes. Todos estavam enfaixados ou apresentavam o corpo deformado por uma mutilação mais ou menos evidente. Alguns se arrastavam apoiados em muletas improvisadas de que ainda se serviam desajeitadamente. Outros, que pareciam íntegros de corpo, revelavam ao serem observados um olhar ofuscado que não tinha mais nada de humano. Reuniam-se em pequenos grupos, nos bancos mais protegidos. Jogavam cartas, conversavam, ou olhavam ao longe sem dizer uma palavra, fumando cigarros que duravam uma tragada. Eu preferia evitar a companhia deles. Não tinha nada para contar. Quando surpreendia alguma conversa, apurava o ouvido disfarçadamente, me esforçando para decifrar as palavras que os ouvia pronunciar. Isolava as mais claras, as mais frequentes, e me afastava para repeti-las em voz alta. Mas aqueles sons desconhecidos ribombavam vazios na boca e na cabeça sem deixar vestígio, como um eco que pouco a pouco se extingue. Sem saber, eu sentia inconscientemente que não eram os mesmos sons da língua que o dr. Friari falava. Mesmo quando conseguia reproduzi-los, evaporavam como bolhas sem que eu pudesse dominar a capacidade de repeti-los. Voltava a sentar sozinho, de frente para o mar. Mas nem aquele majestoso panorama aplacava a minha angústia. Meu olhar penetrava a distância na desesperada busca de uma referência, de uma lembrança, de uma imagem que pudesse ressuscitar milagrosamente minha parte morta.

Toda manhã, depois do passeio, eu ia ver o dr. Friari para minha consulta cotidiana. Petri Friari, neurologista do hospital universitário de Hamburgo, era cidadão alemão, mas de origem finlandesa. Como soube mais tarde, havia fugido da Finlândia muitos anos antes, quando era pouco mais que um rapazola. De

início eu tinha dificuldade para compreender o que o doutor contava, apesar de ele ter me repetido várias vezes, valendo-se do tal mapa da Europa e de todos os gestos de que era capaz. Eu não tinha bem claro o motivo da sua fuga, mas intuía a tragédia que fora. À medida que minha compreensão melhorava, que as palavras na minha mente se multiplicavam, ia conseguindo juntar os pedaços da sua história.

Nos anos em que a revolução abalava a Rússia, a Finlândia também foi arrastada na tempestade. Nos centros industriais os operários se sublevaram, tomaram as armas e instauraram um governo comunista. O país se dividiu em dois e estourou uma guerra civil da qual, após uma dura luta, saíram vencedores os exércitos brancos do marechal Mannerheim. Uma vez restabelecida a ordem, desencadeou-se a repressão e não houve perdão para os que haviam simpatizado com a causa bolchevique. O pai do dr. Friari, professor universitário de convicções socialistas, foi detido e mandado para um campo de prisioneiros. Depois do terrível inverno de 1918, não se soube mais dele. Assim, Petri Friari, então jovem estudante de medicina, tinha abandonado a Finlândia com a mãe para se refugiar em Hamburgo, hóspede de parentes alemães distantes. Na cidade báltica, havia exercido mil ofícios para sobreviver e, à custa de enormes sacrifícios, conseguira terminar os estudos. Desde os vinte e três anos de idade, nunca mais tornara a ver seu país. Mas não esquecera sua língua. Nem sua gente.

Nos arredores do porto de Hamburgo, onde os guindastes rareiam e a cidade se dissolve num campo cinzento, junto da estrada de ferro, enegrecido pela fumaça, ergue-se o edifício gótico da igreja do marinheiro finlandês. Lá o doutor encontrava seus patrícios embarcados nos navios mercantes, obtinha infor-

mações, recebia cartas e jornais. Todo domingo acompanhava a mãe à missa e reservava algumas horas da tarde às obras assistenciais da pequena comunidade finlandesa de Hamburgo, cujos membros o doutor tratava sem pedir nenhuma retribuição. Em compensação, recebia calor, afeto e algumas garrafas de licor. Mas sobretudo, coisa bem mais valiosa, a possibilidade de falar sua língua. Por isso o dr. Friari havia se dedicado tanto ao meu caso. Porque o nome bordado na etiqueta da minha japona era um nome finlandês, e talvez ele visse espelhada na minha desventura a sua. Eu também tinha sido escorraçado do meu país, e a língua que o doutor presumia sepultada sob as cicatrizes do meu cérebro era também a sua. Com o mesmo espírito com que assistia os marinheiros da igreja de Hamburgo, o doutor tratou de mim e dos meus ferimentos. Durante as consultas, me contava seu passado como uma triste fábula cujo fim ele próprio ainda não conhecia, mas que lhe agradava evocar diante de mim, como que para esconjurar outras desgraças. Recebendo-me em seu consultório esfregava as mãos, como se estivesse saboreando antecipadamente um agradável passatempo. Sentava e abria seu caderno verde, que consultava sem cessar enquanto contava alguma coisa ou me interrogava.

Coladas no caderno ou reproduzidas em algum livro, sempre me mostrava figuras novas que depois nomeava, pedindo-me que repetisse. Eram palavras diferentes das que eu ouvia os soldados no convés pronunciar. No início eu tinha dificuldade para articular sons. Principalmente algumas vogais. Depois ele me revelou como estava surpreso de me ver aprender tão depressa. Pouco a pouco, na rocha lisa da minha mente havia se depositado uma poeira leve, uma areia de sons que com o tempo se tornara mais densa, mais encorpada. Tinha se formado um húmus espesso e fundo onde as palavras agora se firmavam, deitavam raízes e floresciam. A memória linguística que o traumatismo de-

senraizara do meu cérebro renascia, assim, em outro lugar, numa parte diferente da minha mente, ajudada pela estrutura do raciocínio, mas quase espontânea, como uma língua natural. Era o que dizia o doutor, que se espantava de que eu aprendesse tão rapidamente, utilizando recursos cerebrais que ele presumia inadequados ao aprendizado da linguagem. No secreto desejo de acreditar nela, arriscava a fabulosa hipótese de que as células do meu cérebro haviam encontrado os restos da minha língua disseminados entre as dobras do ferimento. Com o esforço do aprendizado, voltavam pouco a pouco a se costurar, retomavam forma e coerência. Uma química desconhecida se movia dentro de mim, novos capilares se ramificavam levando seus sucos a zonas inexploradas onde antes pulsava tão só a vida animal do sangue e da carne.

O doutor assistia a esse fenômeno que definia como prodigioso e exultava a cada progresso meu. Observava e anotava minuciosamente todas as minhas reações aos seus exercícios, todas as novas palavras que eu aprendia a usar. Considerava minha cura e minha recuperação uma vitória pessoal, uma grande realização da ciência. Mas sobretudo o comovia a salvação de uma língua que a seu modo ele também tinha salvado em si, transportando-a do exílio aos mares da memória. Ainda que qualquer conversa sofisticada entre nós fosse impossível, e nossos diálogos fossem feitos principalmente de palavras solitárias, repetidas até o ponto em que pareciam tomar corpo no ar, o dr. Friari sentia compartilhar comigo um abstrato pertencimento ao mesmo mundo. Um laço obscuro nos unia, um vínculo que não passava pelo sangue mas vibrava no som da língua. Na alma do doutor despertava a doçura da lembrança e em mim mantinha desperta a vontade de viver.

Foi assim que lentamente, uma palavra depois da outra, em poucas semanas aprendi um finlandês rudimentar. Pobre mas

essencial, me permitiu comunicar-me com o doutor. E, em especial, vir a saber a minha história.

Havia sido recolhido moribundo, com a cabeça arrebatada, no raiar do dia 10 de setembro de 1943, num píer próximo da estação ferroviária da cidade de Trieste. Não fora encontrado comigo nenhum documento, nenhum objeto pessoal. Fora as roupas que vestia, não possuía mais nada. Provavelmente havia sido agredido e roubado, golpeado na cabeça com o cano de chumbo encontrado junto de mim e ainda sujo de sangue e de cabelos. Justo naquele dia tinha chegado ao porto de Trieste, procedente do Norte da África, o navio-hospital *Tübingen*. Pertenciam a essa unidade os marinheiros que me encontraram. Carregaram-me para sua chalupa e me levaram a bordo, onde fui entregue aos cuidados do dr. Friari, oficial médico da Marinha alemã. Ele mesmo me confessou mais tarde que meu estado grave, associado à extensão do meu ferimento, tinham-no levado a crer que eu não sobreviveria muito tempo. Tanto que não considerara oportuno me operar e me aceitara a bordo do *Tübingen* por pura compaixão, por causa daquele nome que eu trazia bordado na jupon. Logo decidiu, porém, me transferir da ala em que se recuperavam os outros feridos em estado comatoso e me manter sob monitoramento numa sala de reanimação. Uma vasta área da nuca havia sofrido lesões profundas e era difícil avaliar quanto do cérebro fora comprometido. Mas talvez o doutor houvesse sentido que algo vivo ainda se movia em mim. Ele me explicou depois que clinicamente nada me distinguiu dos outros comatosos. Naquele bordado que o levava a me dedicar os máximos cuidados, ele via um sinal do destino. Como cientista, prático e concreto, toda manhã, quando vinha me ver na sala de reanimação, esperava me encontrar morto. Quando percebeu

que, pelo contrário, minhas condições melhoravam, pensou num milagre e não se afastou mais da minha cabeceira. No dia em que saí do coma, as enfermeiras me juraram ter surpreendido uma lágrima em suas faces endurecidas. Quis acompanhar pessoalmente minha reeducação. Por isso, toda manhã era ele que me submetia aos exercícios dos cartões coloridos. Quando percebeu que eu não podia falar, que o traumatismo tinha destruído minha memória linguística e minha capacidade de articular os sons, em seu coração esperara a minha morte. Surpreso com a rapidez com que meu cérebro recuperava o conhecimento, de início ficou curioso sobretudo com o aspecto científico do meu traumatismo. Mas não pôde permanecer insensível ao medo, ao desconsolo de um homem morto pela metade, privado do seu passado, do seu nome, da sua língua, obrigado a viver sem uma lembrança, uma saudade, um sonho. A suposição de que, como ele, eu também fosse um finlandês, que, sabe-se lá por quê, havia ido bater naqueles mares tão distantes, o levou a me reservar tratamentos que em tempos de guerra seria difícil dar a um ferido.

Nas semanas que passou à minha cabeceira escrutando por detrás do vidro dos meus olhos o menor sinal de consciência, tinha se convencido de que eu devia mesmo ser um marinheiro finlandês, que fora parar em Trieste a bordo de algum navio, quem sabe um navio mercante alemão, assaltado por meliantes que rondavam os portos e as estações ferroviárias naqueles dias de grande desordem. O nome na japona, as iniciais no lenço, não davam margem a dúvidas. Jurou então que faria tudo o que estivesse a seu alcance para me fazer voltar ao meu país, para me dar a oportunidade de reencontrar o fio da memória. No fundo, se eu ainda estava no mundo, era um pouco por culpa ou por mérito seu. Pela fé que sua ciência havia depositado no imponderável acaso e seu coração, no som familiar do meu nome.